

FACULDADE PAULUS DE TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO

EDSON DA SILVA PIRES

**A MORTE DE SÓCRATES COMO UMA NOVA MANEIRA DE PENSAR
E VIVER NA GRÉCIA ANTIGA.**

São Paulo

2015

FACULDADE PAULUS DE TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO

EDSON DA SILVA PIRES

**A MORTE DE SÓCRATES COMO UMA NOVA MANEIRA DE PENSAR
E VIVER NA GRÉCIA ANTIGA.**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Banca Avaliadora da FAPCOM – Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em Filosofia, sob orientação do Prof. Ms: Giovanni Vella.

São Paulo

2015

Pires, Edson da Silva.

A morte de Sócrates como uma nova maneira de pensar e viver na Grécia Antiga. / Edson da Silva Pires. – 2015.

47 f.:il.; 21 cm X 29, 7 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, São Paulo, 2015.

“Orientação: Prof. Ms. Giovanni Vella”.

1. Filosofia2. Platão3. *Fédon*4. A morte de Sócrates I. Pires, Edson da Silvall. Título

EDSON DA SILVA PIRES

**A MORTE DE SÓCRATES COMO UMA NOVA MANEIRA DE PENSAR
E VIVER NA GRÉCIA ANTIGA.**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Banca Avaliadora da FAPCOM – Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em Filosofia, sob orientação do Prof. Ms: Giovanni Vella.

São Paulo, ____ de dezembro de 2015

Prof. Ms: Giovanni Vella.

**São Paulo
2015**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que por meio de sua bondade me presenteou com o dom da vida;

À minha família, representada pelos meus pais, Vera Lúcia e Dilson Pires, meus irmãos, Emerson e Daniel, meus avós e demais familiares que sempre me apoiaram e me deram forças diante das minhas escolhas, em especial, a escolha pela vida religiosa.

À Província Camiliana Brasileira que me permitiu a oportunidade de fazer parte dessa história como seminarista; agradeço também aos padres, nas pessoas do Pe. Zaqueu, Pe. Raimundo, Pe. Jorge e Pe. Mateus meus formadores, e também aos irmãos seminaristas, especialmente os que fazem parte da comunidade São Pio X, a qual pertenço.

Às Irmãs Ministras dos Enfermos de São Camilo que me apresentaram esse belíssimo carisma camiliano.

Ao meu orientador Prof. Ms. Giovanni Vella pela paciência durante esse período.

Aos meus colegas de sala que compartilharam junto comigo grandes momentos na vida acadêmica.

A Nívia, bibliotecária da FAPCOM, que com grande entusiasmo e simpatia atendia-me na biblioteca.

E a todos que rezaram por mim, e que fizeram parte dessa minha caminhada.

“O que o homem tiver semeado, é isso que vai colher. Quem semeia na sua própria carne, da carne colherá corrupção. Quem semeia no espírito, do espírito colherá a vida eterna.”

(Gl6, 7b-8)

RESUMO

PIRES, Edson da Silva. **A morte de Sócrates como uma nova maneira de pensar e viver na Grécia Antiga**. São Paulo, 2015. 47 f. (Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, para obtenção do título de Bacharel em Filosofia).

Por meio do diálogo platônico *Fédon* nos são apresentados os últimos momentos da vida de Sócrates. Sócrates foi, na cidade, um cidadão que buscou se empenhar no que se dizia respeito à mesma, mas por acusações feitas a ele, fora condenado à morte. Tamanha foi a convicção de Sócrates pelo que ele defendia que esta veio a se tornar motivo de sua condenação. Na prisão, ele passa seus últimos momentos relembrando todos os seus discursos a seus discípulos. Com isso, percebe-se que Sócrates buscou, nesse período, separar a alma do corpo, em função de se aproximar da sabedoria. Isso possibilitou a ele ser um exemplo de “bela vida”, por ter se dedicado a se preparar para morrer e, posteriormente, como derivada dessa “bela vida”, uma “bela morte”.

Palavras chave: Sócrates. Bela morte. Alma. Separação.

ABSTRACT

PIRES, Edson da Silva. **Socrates' death as a new way of thinking and living in Ancient Greece.**São Paulo, 2015. 47 f. (Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, para obtenção do título de Bacharel em Filosofia).

Through the Platonic dialogue *Phaedo*, it is presented us the last moments of Socrates's life. Socrates was, in the city, a citizen who sought to make an effort to talk about it. However, due to the accusations made against him, Socrates was sentenced to death. The conviction of Socrates for what he defended was so much that it became the reason of his condemnation. In prison, he spends his last moments remembering all his speeches to his disciples. Thus, we can see that Socrates sought, in this period, to separate the soul from the body, in order to approach himself of wisdom. This enabled him to be an example of "beautiful life" for having dedicated to prepare himself to die, and later, as derived from this "beautiful life", a "beautiful death."

Keywords: Socrates. Beautiful death.Soul.Separation.

SUMÁRIO

Introdução	10
1. DIMENSÃO HISTÓRICA DA RELAÇÃO ENTRE ALMA E CORPO	13
1. 1. Morte dos guerreiros da Grécia Arcaica	13
1. 2. A alma para os gregos: a visão homérica	14
1. 3. Sócrates, o grande cidadão de Atenas	15
1. 4. A experiência da alma para Sócrates	17
2. A ALMA E O CORPO NA CIDADE	21
2. 1. A virtude na cidade para Sócrates	21
2. 2. Por que temer a morte?	22
2. 3. A ética e o cuidado da alma.	23
3. UM PREPARAR-SE PARA MORRER TENDO COMO BASE O ATO DE FILOSOFAR	26
3. 1. O que vem a ser uma “bela morte”?	26
3. 2. Liberdade como processo de decisão para uma “bela morte”	27
3. 3. Sócrates e o preparar-se para morrer	29
3. 4. A coerência da vida de Sócrates	30
3. 5. A tarefa de afastar a alma do corpo	31
3. 6. A importância da separação de corpo e alma	33
3. 7. A possível morte da alma com o corpo	35
3. 8. A imortalidade da alma e o papel da reminiscência	36
3. 9. A esperança no que se encontrará após a morte	37
3. 10. O valor do que se encontra após a morte para Sócrates	40
4. COMPREENSÃO DO PREPARAR-SE PARA MORRER E DA MORTE DE SÓCRATES	41
4. 1. Opção filosófica de vida bela e “bela morte”	41
4. 2. Atualidade filosófica da discussão sobre a “bela e boa morte”	43
Considerações Finais	45
REFERÊNCIAS.	47

Introdução

Este trabalho de pesquisa visa realizar, uma reflexão de como Platão apresenta a morte de Sócrates no diálogo do *Fédon*. Para destacar a sua proposta filosófica, como uma nova maneira de pensar e viver, apresentar a tão almejada sabedoria, baseada na experiência da “bela morte” (GAZOLLA, 2011), segundo o modelo presente na Grécia Antiga.

No diálogo, Sócrates afirma alimentar a esperança da possibilidade de encontrar um lugar dedicado aos homens bons no Hades depois da morte, mas isso é fruto de uma prática das riquezas dos bens éticos procurados ao longo de uma vida terrena.

A questão decisiva da separação alma e corpo, segundo Platão, são vias importantes para chegar à sabedoria. É fato que os filósofos dedicam grande esperança nessa busca, no entanto são conscientes de que a concretude dela dar-se-á apenas na morte.

Dentre os vários assuntos terá destaque, em nossa análise, a questão da separação da alma do corpo, enquanto tópico decisivo na elaboração da visão platônica da vida filosófica. A este respeito, a morte de Sócrates apresenta um novo direcionamento, isso porque, o filósofo acreditava que com a morte do corpo, a alma não morre juntamente com ele, pois essa é imortal e passa a ter um papel inédito para que se possa alcançar a sabedoria, que é o objetivo último do filósofo.

Além do mais, tentaremos observar como é encarado o fato da morte de Sócrates diante da sociedade da época, em especial aqueles que mais se encontravam próximos a ele, e buscar uma perspectiva atual, em relação à morte, tendo como base a esperança do que se espera depois da mesma. Assim como Sócrates alimentava a esperança no que encontraria depois da morte, buscar-se-á também enxergar perspectivas dentro do diálogo do *Fédon* que possam contrapor acerca de uma releitura da morte em meio à atualidade de maneira sintética e o que há de esperança em relação no que virá ou encontraremos posterior a ela.

Durante esta pesquisa, buscar-se-á chegar às respectivas questões apresentadas no tema: a nova maneira de pensar e viver na sociedade da Grécia Antiga, a partir do conceito de a “bela morte”.

Assim esse trabalho tem por objetivo: fazer uma análise de alguns trechos do diálogo platônico *Fédon* dedicado a morte de Sócrates, para compreender a realidade da morte na atualidade. Espera-se, portanto, que esse trabalho alcance seu objetivo e que seja uma resposta para a atualização de grande parte desta perspectiva. O nosso objetivo parte justamente de apresentar uma análise de alguns trechos do diálogo platônico, *Fédon*, dedicado a morte de Sócrates.

Partindo ainda desse objetivo principal tentaremos no capítulo um desse trabalho de conclusão, buscaremos trazer à tona a dimensão histórica de alma e corpo dentro do contexto da Grécia Arcaica e da Grécia Antiga, buscando ressaltar em especial a dimensão e importância da morte que era empregada aos guerreiros da Grécia Antiga. Pois a estes, é notável que o ato bélico é tido como ato de grande virtude, sendo que a possível morte desse guerreiro será encarada de maneira gloriosa, pois este enquanto vivo foi virtuoso no que dele foi esperado. Partindo desse princípio buscaremos chegar mais a frente a novo significado de “bela morte” que é empregada a estes, mas que será vista com novo sentido para os filósofos.

O segundo capítulo será dedicado em explicar o papel de Sócrates como cidadão. Nessa dimensão buscaremos como objetivo destacar a importância dada por Platão no empenhar-se nas virtudes da cidade buscando daí destacar ações tidas como principais um cidadão.

Já no terceiro capítulo, estará em destaque o ato de preparar-se para morrer, sendo que esse ato em questão, que é colocado, é o ato de dedicar-se ao exercício da filosofia. Pontuaremos também a respectiva importância do ato de filosofar para a separação da alma do corpo e a devida coerência que Sócrates faz questão de dá sobre o ideal proposto com a sua vida. Sócrates vai demonstrando ao longo de sua vida a devida coerência em seus atos e o que foi passado por ele aos seus discípulos. Será relevante diante disso tudo e que buscaremos tratar neste capítulo a esperança, está manifesta-se como grande motivador do filósofo no que se diz respeito à morte e o que dessa se pode esperar.

No quarto capítulo buscaremos tratar da morte de Sócrates e como os seus últimos momentos puderam contribuir para uma análise do corpo como sendo a doença da alma, pois por meio do corpo a alma é privada da pura sabedoria.

Quais os principais problemas, encontrados no dialogo platônico do Fédon, relativo a morte e como abordá-la em uma perspectiva atual? Para responder a este questionamento levantam-se as seguintes hipóteses:

Que a tradição homérica e mitológica apresenta, na tradição grega, a experiência da “bela morte”.

Se o diálogo de Fédon apresenta a morte como separação da alma do corpo.

Pode ser tido como verdadeiro que o filósofo alcance a sabedoria como fim último após a morte.

É necessário o exercício da temperança para o domínio das paixões, como preparação para a morte.

É possível chegar ao conhecimento das coisas em si a partir do plano ético e teórico, no caminho do filósofo que busca chegar à sabedoria?

A morte de Sócrates ajuda numa compreensão atual da morte?

Por fim, neste trabalho será realizada uma análise do Fédon a luz de Giovanni Casertano, em que se buscará por intermédio de sua obra, destacar a importância da morte metafórica presente em sua obra.

A pesquisa foi realizada por meio, de uma revisão bibliográfica de integração, em que primeiramente será feita uma pesquisa de livros e escritos sobre o assunto, além de busca eletrônica. Na sequência fez-se a leitura e a análise do material coletado, bem como de trechos dos diálogos platônicos, para dar início a escrita dos capítulos.

1. DIMENSÃO HISTÓRICA DA RELAÇÃO ENTRE ALMA E CORPO

1. 1. Morte dos guerreiros da Grécia Arcaica

Para iniciar, faremos aqui o uso da figura dos guerreiros, em especial os dos poemas homéricos, segundo o livro *Corpo, alma e saúde* de Giovanni Reale. Homero¹ é um dos primeiros a tratar tanto do corpo quanto da alma durante o período grego arcaico, mas nem sempre os conceitos de alma ou de corpo foram vistos tal como concebemos hoje.

O conceito de corpo que temos hoje do ponto de vista físico nem sempre foi algo que existiu, pois segundo Reale (2002), até que um termo venha a ter um significado necessita ser assimilado.

O termo utilizado para se referir ao corpo na antiguidade arcaica e que se têm referência na Europa nesse período era *soma*². Essa palavra (*soma*) correspondia ao corpo físico, mas não como corpo vivo tal como hoje conhecemos, mas se referia ao corpo enquanto cadáver.

[...] nos poemas homéricos *soma* ocorre certo número de vezes, *mas não indica nunca "corpo" como nós o entendemos hoje, ou seja, como organismo vivo e sim o seu contrário, ou seja, o organismo privado de vida, o "cadáver"*. (REALE, 2002, p. 20)

A palavra *soma* enquanto palavra unitária, ou seja, uma única palavra para designar algo, só era utilizada para se referir ao corpo que correspondia a organismo morto. Já para se referir ao corpo da maneira como hoje conhecemos, ou seja, enquanto organismo vivo, existiam múltiplas maneiras de dizê-lo. Homero o representava como membro (REALE, 2002, p. 21). O corpo de um homem quando vivo apresenta uma multiplicidade de funções no qual podemos encontrar a sua vivacidade.

[...] no corpo morto, no "cadáver", *desaparecem as múltiplas funções diferenciada dos vários órgãos e, portanto, eles se identificam, por assim dizer, no não ser mais o que eram, enrijecendo-se e confundindo-se na*

¹ Poeta grego, pertencente provavelmente ao período grego arcaico e autor da *Ilíada* e da *Odisséia*.

² Termo citado no livro *Corpo, alma e saúde* que corresponde ao que no período da Grécia Arcaica era chamado de corpo, mas enquanto cadáver, um corpo sem vida.

imobilidade da morte: as pernas e os braços não se agitam mais, os pulmões não respiram mais, o coração não bate mais, os olhos não vêem mais, os ouvidos não ouvem mais. Portanto, todos os membros, todos os órgãos e todas as funções físicas do homem *tornam-se iguais no seu não ser mais o que antes eram*, e portanto podem ser representados unitariamente com o termo *soma*... (REALE, 2002, p. 21).

Pondo em consideração que o corpo do homem morto deixa de ser o que era, para Homero o homem não é uma unidade de multiplicidades, mas justamente caracterizado por todas as multiplicidades, suas partes geométricas.

Como já mencionado, no período grego arcaico não se tinha uma visão do corpo como totalidade dos membros como conhecemos hoje, mas a valorização das partes desse corpo. Já nos atentamos que a noção de corpo como um todo só era possível ao corpo morto, ou seja, o cadáver que era identificado como *soma*. Essa característica dada ao cadáver é proveniente do fato deste, durante a morte, perder todas as características de seus membros. Com isso, todos os membros do corpo que se diferenciavam por suas funções agora são todos iguais em funções, pois as funções que exerciam não são mais exercidas. Por consequência, todas as partes se assemelham justamente pelo fato de não possuírem movimentos. Essa semelhança entre as partes permite chamar o conjunto de membros de maneira unitária: corpo, ou como era chamado por Homero, *soma*. Em Homero dificilmente encontraremos um termo que se iguale ao termo corpo vivo usado no período da Grécia Antiga. Vemos que há por parte de Homero uma grande valorização do corpo diferentemente de Sócrates, cujo corpo era motivo de aprisionamento à alma.

1. 2. A alma para os gregos: a visão homérica

Ao se referir à alma (*psyche*), Homero a caracteriza como aquela que abandona o corpo no momento da morte. Sempre segundo Giovanni Reale, partindo de uma análise dos poemas homéricos, ele coloca que na morte ocorre uma descida da *psyche* ao Hades³. Quando a *psyche* lá se encontra, esta nada mais conhece e também se afasta do querer e do sentir das coisas. Segundo Silva (2010), a *psyche* conforme a visão homérica era vista de acordo a uma visão primitiva. Nessa visão primitiva a existência do homem era que este mesmo homem vivia duas vezes. Essa

³ Local destinado aos mortos.

duas maneiras de existir desse homem consistiam no fato de que ele tinha uma existência no mundo sensível, já a outra maneira dessa existência é a do mundo invisível que se dá justamente depois de sua morte em que há uma libertação da sua alma.

Posteriormente, outro tipo de suposição que é encontrada por estudiosos é que a *psyche* numa visão homérica não se manifesta como um ser que existe duas vezes, ou seja, outro eu, mas existe uma única vez sendo apenas um único eu.

A *psyche* nessa maneira de ver é caracterizada como a sombra ou o sopro, a *psyche* pode até falar e ter consciência, mas é agora constituída pelo “ser do ter sido”, ela não tem mais a possibilidade de ações, pois estas terminam com a morte. A *psyche*, na concepção homérica, assim também como veremos, na manifestação platônica, tem sua independência durante a morte. É justamente esse fato dela se tornar independente com a morte que nos mostra que a *psyche* se encontra presente durante a nossa vida, mas com a morte essa se liberta.

Depois de passarmos por uma noção de corpo e alma tida por Homero, é chegado o momento de aprofundarmos de maneira especial esse conteúdo na visão socrática.

1. 3. Sócrates, o grande cidadão de Atenas

Sócrates nasceu em Atenas (Grécia), no provável ano de 469 a.c., e encerrou sua carreira como fundador da filosofia no ano de 399 a.c. depois de suicidar-se na prisão.

“Mas posso rogar aos deuses que minha partida daqui seja venturosa. Assim faço este pedido e que possa ser atendido.” Com essas palavras, ele ergueu a taça aos lábios e, com o ar misto de jovialidade e tranquilidade, sorveu o seu conteúdo totalmente. Até aquele momento a maioria de nós fora capaz de conter razoavelmente bem as lágrimas. Entretanto, quando o vimos tomando o veneno e constatamos que o tomara, não pudemos mais conter os prantos. (*Fédon*, 117 c)

Sócrates, se tratando de obras, nunca deixou nada por escrito. Se hoje temos obras que levam o seu nome é porque alguns dos seus discípulos, como Xenofonte e Platão, se empenharam em registrar os diálogos proferidos por

Sócrates. A sua herança filosófica não é retida apenas nesses diálogos, mas foi também difundida por outros de seus discípulos que fundaram escolas filosóficas nas quais foram passados adiante os seus ensinamentos.

O fato de “saber que nada sabia” faz com que Sócrates seja considerado o mais sábio entre os homens. Sócrates se destaca entre os demais de sua época, pois, como coloca Pierre Hadot (2011), o saber que os homens possuem é um saber vazio.

Imagino que conheceis Querefonte. Foi meu amigo desde a juventude e amigo da maioria de vós, uma vez que compartilhou de vosso exílio e de vosso retorno. Certamente sabeis que tipo de homem era Querefonte, quão impetuoso em seus atos. Ora, uma ocasião dirigiu-se a Delfos e ousou indagar o oráculo – e ele indagou se havia outra pessoa mais sábia do que eu, e a Pítia respondeu que não havia ninguém mais sábio. (*Apologia de Sócrates*, 21 a)

Compreender que “nada sabe” é a atitude esperada de um homem sábio, postura adotada por Sócrates e esperada por ele em relação aos outros homens, ou seja, tomarem consciência de que nada sabem. Esse processo de reconhecer que “nada sabe”, ao qual Sócrates tanto prezava, leva os seus interlocutores a uma tomada de consciência da sua própria natureza. Essa tomada de consciência permite ao interlocutor um conhecimento de si, isso se dá justamente quando ele reconhece que “nada sabe”. O conhecer a sua própria natureza, como diz Vaz (2014), é o que permite o indivíduo agir por si segundo a sua natureza.

Sócrates não tinha como meta dizer o que vinha a ser a sabedoria, mas diante do seu não saber, ele perguntava aos seus interlocutores na esperança de fazê-los por si mesmos parirem as suas respostas. Essa resposta era uma resposta vinda da alma a qual ele considerava ser a natureza humana. Essa resposta, segundo Pierre Hadot (2011), era uma verdade presente na alma e que cabia ao seu interlocutor descobri-la.

No ano de 399 a.c., Sócrates é acusado por pregar e ensinar “falsas” doutrinas que iam de encontro ao pensamento da época.

Agora examinemos a questão do seu início, a respeito da acusação (que

originou a difamação contra mim) na qual Meleto⁴ se fiou para mover essa ação pública contra mim. O que os incitadores da difamação alegaram para incitá-la? Devo, assim dizer, ler sua declaração jurada como se fossem demandantes: “Sócrates é réu por empenhar-se em com excesso de zelo, de maneira supérflua e indiscreta, na investigação de coisas sob a terra e nos céus, fortalecendo o argumento mais fraco e ensinando estas mesmas coisas aos outros”. (*Apologia de Sócrates*, 19b)

Sócrates é acusado e tem como pena da acusação a sentença de morte, mas quando preso, Sócrates decide tomar veneno e se suicidar. A morte de Sócrates, destacada por Brisson (2002), poderia ser considerada como um ato desesperado. Desesperado por conta da sua condenação à morte, mas segundo o mesmo autor, esse suicídio é na realidade uma maneira encontrada por Sócrates para afirmar o que ele prezou durante toda a sua vida: o filósofo é quem durante a sua vida se preparou para morrer.

“Ignora-o”, disse Sócrates. “Quero explicar a vós, meus juízes, porque penso que um homem que realmente passou sua existência dedicando-se à filosofia comporta-se sem destemor diante da morte iminente, e alimenta intensas esperanças de que quando morto alcançará as maiores bênçãos no outro mundo. Tentarei revelar a vós, Símias e Cebes, como seria isso”. (*Fédon*, 64a)

Portanto, além de relatar a morte de Sócrates, esse diálogo nos servirá de base para compreendermos o seu principal tema abordado que é a imortalidade da alma, e também nos levar a entender o significado da “bela morte” para os gregos. Para tanto, buscaremos entender de que maneira Platão mudou a maneira grega de pensar a vida da alma e a sua relação com o corpo.

Para entrarmos no conteúdo do diálogo do *Fédon*, no qual Platão se dedica a relatar os últimos momentos da vida do seu mestre Sócrates, buscaremos antes de qualquer coisa passar pelos principais conceitos que viriam a ser a noção de corpo e alma no período da Grécia Antiga, em especial, o período homérico.

1. 4. A alma para Sócrates: a essência do homem

Para identificar a específica experiência da vida da alma em Sócrates vamos lembrar qual era a visão da alma o presente nos poemas homéricos, ainda uma vez na

⁴Poeta grego, responsável por levantar a acusação contra Sócrates.

proposta de Reale:

Homero não representa o corpo do homem *como a unidade de uma multiplicidade (como um-nos-muitos)*, ou seja, *como uma identidade que se desdobra nas diferenciações de órgãos e funções de vários gêneros.* (REALE, 2002, p.21)

Já no pensamento socrático, encontramos o contrário, ou seja, é de extrema importância uma valorização da alma, pois esta desempenha para o homem um papel moral. O sentido do ser humano, segundo explica Lima Vaz (2014), parte da dimensão interna que se encontra presente em cada homem, dimensão essa que é a alma (*psyche*).

Até o presente momento, vimos que o termo alma era retratado como *psyche* tanto na Grécia Arcaica quanto na Grécia Antiga. Assim com o termo corpo, o termo alma foi adquirindo significado com decorrer da história. Pois até que uma palavra possa fazer parte de um contexto é necessário certo tempo para que as pessoas se familiarizem com a mesma. Tanto a palavra *psyche*, como as palavras usadas para representar o corpo no período Grego Arcaico nos são difíceis para interpretar seu real significado, isso porque essas são palavras polissêmicas, podendo ter dois significados ao mesmo tempo (SILVA, 2010, p. 58).

Pode-se considerar que Sócrates foi o grande propulsor dos termos alma e homem como conhecemos hoje no mundo ocidental. Sócrates possui como seu diferencial em relação a Homero o fato de pensar o corpo não mais apenas por suas partes, mas como a unidade dos membros. Além de pensar o corpo como uma unidade, a grande característica de Sócrates se manifesta no pensar a alma como a essência do homem.

(...) fora conquistada uma consciência da *psyche* que invertia radicalmente a concepção homérica: de vã sombra, privada de sensibilidade e de conhecimento, passou-se a fazer coincidir com ela a natureza do homem. Conseqüentemente, *a expressão da "psyche" vinha a impor-se como expressão da própria essência do homem.* (REALE, 2002, p.135)

Enquanto Homero nos apresenta uma dimensão da *psyche* em que ela se esquece da capacidade de conhecer, Platão aprofundará essa característica fundamental da alma. No diálogo Fédon a alma traz uma carga de conhecimento da

sua vida anterior, a qual a acompanhará na sua vida posterior, mas que será lembrada por meio da reminiscência, tema que trataremos mais adiante, sendo que estimulada por meio dos sentidos:

“Entretanto, adquirimos esse conhecimento antes do nascimento e o percebemos por ocasião do nascimento, para posteriormente graças aos nossos sentidos, recuperar o conhecimento que tínhamos posse anteriormente, não seria aprendizado a recuperação de nosso próprio conhecimento? (*Fédon*, 75e).

Portanto, considerando o que é descrito no diálogo *Fédon*, uma pessoa viva traz memórias de um conhecimento da vida passada. Por meio da reminiscência, Sócrates concebe aos seus discípulos chegar aos conhecimentos dessa vida anterior. Isso, segundo Sócrates, é possível baseando-se em tradições passadas que lhe foram apresentadas, segundo as quais os vivos são provenientes daqueles que já morreram.

É justamente a reminiscência, caracterizada por uma recordação dos conhecimentos adquiridos em vidas passadas, que afirmará para Sócrates, diferentemente da visão homérica, a *psyche*, como aquela que recorda os fatos mesmo depois da morte, e mais, veremos adiante que essa reminiscência é o que dará a Sócrates as bases para a especulação de uma possível imortalidade da alma.

Vale esclarecer que na visão platônica a alma (*psyche*) é responsável pela vida, pois é dela que vem o sopro de vida, mas para Homero há uma grande confusão entre *psyche* e *thymos*. A *thymos*, segundo mostra Snell, estudioso das obras homéricas, é quase confundida com a *psyche*, mas a *thymos* se caracteriza por aludir aos órgãos responsáveis pela vida, em casos mais claros, o coração ao qual é atribuído tanto a vida quanto as emoções.

Resumindo: em Sócrates a alma passou a ter um papel extremamente importante. Essa precisava de um cuidado especial por parte dos homens, como bem vimos, a *psyche* é a expressão da essência do homem. Essa essência do homem se manifesta como uma grande necessidade em busca de uma excelência (*areté*). É por meio da alma que o homem irá empenhar a sua vida no discernimento do que é ou não é justo, pois motivado por uma busca da excelência, o homem por meio da alma conseguirá enxergar sua grandeza.

A “alma”, segundo Sócrates, é a sede de uma *areté* que permite medir o homem segundo a dimensão interior na qual reside a verdadeira grandeza humana. É a “alma”, em suma, que tem lugar a opção profunda que orienta a vida humana segundo o justo ou o injusto, e é ela, por tanto que constitui a verdadeira essência do homem, sede de sua verdadeira *areté*. (VAZ, 2014, p. 39)

Destacamos também que os conceitos e a maneira de apresentar o corpo e alma são divergentes entre Homero e Sócrates. O motivo que marca essa dissonância de significado parte de uma distância histórica entre os dois, mas como coloca o filósofo Henrique de Lima Vaz (2014), a concepção do homem clássico tem sua raiz no período grego arcaico.

Embora rica nas suas manifestações, a organização se dará na cultura clássica. Uma das heranças advindas dessa organização é, segundo Lima Vaz, a organização espiritual em que se podem encontrar harmonia e coerência. E como aqui foi dito, herdamos da cultura grega arcaica a noção de alma e corpo e que ganha um novo sentido para ser entendido segundo Sócrates. Sócrates na cidade com seu novo pensamento sobre alma e corpo a revolucionam, a partir daí suje juntamente com esse pensamento uma nova moral e ética.

2. A ALMA E O CORPO NA CIDADE

2. 1. A virtude na cidade para Sócrates

A figura socrática tem como sua característica ser referência na maneira de se comportar no que diz respeito às coisas da cidade e como proceder na mesma. Sócrates sempre buscou empenhar-se ao máximo em ser um bom cidadão, dedicando-se ao cumprimento das leis, dos cultos religiosos prestados aos deuses e como também na prática do bem.

E independentemente do aspecto da reputação, senhores, não julgo certo suplicar ao juiz ou obter a absolvição implorando-a. Nossa obrigação é informá-lo e convencê-lo. De fato, o juiz não está aqui para conceder favores no que tange a matérias de justiça, mas para pronunciar a sentença; [...]. A conclusão é que não devemos induzir-vos ao hábito de violar vossos julgamentos, nem deveis vós mergulhar nesse hábito, com o que nenhum de nós estaria agindo sem incorrer na impiedade [...]. É patente que se graças a minha persuasão e súplica eu vos constrangesse a falar aos vossos juramentos, estaria vos ensinando a desacreditar na existência dos deuses e, realizando minha defesa, estaria acusando a mim mesmo de neles não acreditar. Entretanto, muito dista isso da verdade, pois realmente neles acredito, homens de Atenas, mais do que qualquer um de meus acusadores e, assim, confio meu caso a vós, e ao deus para decidi-lo conforme seja o melhor para mim e para vós. (*Apologia de Sócrates*, 35b-c-d)

Sócrates enxerga no seu período a importância da relação autêntica entre os indivíduos na construção e edificação de uma vida cívica em função de um bem comum. Uma das características encontradas em Sócrates é a de não considerar meramente apenas as atividades exercidas na cidade, como o bom exercício de um cidadão, para ele os atos de um cidadão vão muito mais além.

O homem bom na visão socrática não é aquele que se resume apenas em ação, como o bom cumprimento das leis, ou então aquele que ao desempenhar o seu trabalho o faz de maneira correta. A concepção do homem bom vai ainda além do bom relacionamento com os demais homens, de tratar os amigos de maneira agradável, de pagar devidamente suas dívidas, de prestar as devidas horas aos deuses. A grande característica encontrada em Sócrates que se manifesta como o comportamento correto de um cidadão (homem bom) é a busca que esse faz da excelência que é tida como a “bondade em si”.

Afinal, ele terá de perguntar o que é ser o homem bom. É acatar as leis? Certamente, mas isso não é suficiente. Fazer bem seu próprio trabalho? Também não é suficiente. Tratar bem os amigos e mal os inimigos? Ou pagar o que deve? Ou honrar os deuses? Sim, e tudo isso não basta para esclarecer o que é o homem bom, o *ághathos*, ou seja, falta uma reflexão sobre a excelência ela mesma, a bondade em si mesma. (GAZOLLA, 2011, p. 129)

Embora levasse uma vida se dedicando aos cumprimentos das atividades relativas à cidade, Sócrates foi condenado à morte. Durante esse tempo ele bem poderia fugir, mas como bom cidadão ele resolve ir às últimas consequências para se manter fiel ao cumprimento da ordem da cidade qual ele prezava.

2. 2. Por que temer a morte?

Depois de uma passagem histórica, iniciada no período grego arcaico no qual tivemos como referência a figura homérica que concebia o corpo (cadáver) como *soma*, exaltando a sua força física, passando pela visão socrática que enxerga o corpo como um empecilho da libertação da alma, iremos dá continuidade na tentativa de ver se a morte de Sócrates realmente é ou não uma nova maneira de pensar a morte na Grécia Antiga.

Já levantamos aqui discussões sobre a específica natureza do saber socrático, “o saber que nada sabe”. Analisamos agora o que ocorre em relação a esse saber quando ele se refere à morte.

Pois temer a morte, senhores, nada mais é do que pensar que se é sábio quando não se é, uma vez que consiste em pensar que se conhece o que não se conhece. De fato, ninguém sabe se a morte não é, inclusive, a maior de todas as bênçãos para o ser humano, ainda que este a tema como se soubesse que é o maior dos males. (*Apologia de Sócrates*, 29a-b)

Hadot (2011), em discussão sobre a *Apologia*, coloca que o “não saber” é apresentado na obra como a pior das mortes, pois como se sita na *Apologia*, temer a morte é um temor inválido, uma vez que esta é uma incógnita, isso porque logo de início não se sabe se essa será um bem ou um mal.

Partindo daí, Platão esclarece que para Sócrates o que se apresenta como maior das ignorâncias é dizer de algo que não se conhece, em relevância aqui, a

morte. Nessa perspectiva a morte é algo velado para nós, e por ser velado é que Sócrates coloca não ser sábio quem diz saber sobre o que ocorre depois da morte e a condena como bem ou mal. Mas atentemo-nos que a passagem citada corresponde ao contexto, no qual Sócrates fora criticado durante sua defesa, ou seja, de levar adiante tal acusação que o levaria a morte, pois a morte era naquele período tida como o maior dos males. Com isso ele chama a atenção dos demais o fato de não se saber sobre a morte, mas ao mesmo tempo querer dizer sobre ela, considerando-a o maior dos males, pois se alguém não conhece sobre algo, não seria um ato justo esta mesma pessoa, julgá-lo ser bom ou ruim.

O *Fédon* apresenta o futuro em relação à morte como uma esperança. Essa é uma esperança fundada sobre a possibilidade não de ir ao Hades, mas uma vez nesse, alcançar as virtudes destinadas aos filósofos que passaram a sua vida se preparando para o encontro com as mesmas, como veremos no capítulo posterior. Diante do fato de reconhecer não possuir o saber da morte, Sócrates destaca possuir outro saber, o conhecimento das coisas do Hades. Leiamos:

“Quero explicar a vós, meus juízes, por que penso que um homem que realmente passou sua existência dedicando-se à filosofia comporta-se com destemor diante da morte iminente, e alimenta intensas esperanças de que quando morto alcançará as maiores bênçãos no outro mundo. (*Fédon*, 63e-64a)

O que vem a ser conhecido sobre o Hades são apenas suposições colocadas por Sócrates como intensas esperanças. O que diferencia Sócrates dos demais homens é que ele dedicou a sua vida inteira se preparando para morrer, sem temer a chegada da morte. Pois na alma do filósofo vive uma esperança, fruto de uma vida dedicada ao conhecimento.

2. 3. A ética e o cuidado da alma.

O homem no diálogo *Fédon* deve empenhar a sua vida na busca constante de uma purificação da alma. Essa não é uma mera purificação, mas faz parte de uma busca em função de fazer com que alma humana, considerada como a essência do homem, possa exprimir a sua excelência (*areté*). Chegando nessa

experiência, é preciso um afastar-se do mundo sensível, para isso é preciso uma separação do corpo que é o ponto de encontro entre o homem e o mundo.

Os amantes do conhecimento, assim, tal como digo, percebem que a filosofia, apoderando-se da alma quando ela se acha nesse estado, a estimula suavemente e procura libertá-la, mostrando que a visão e a audição, bem como os demais sentidos, estão repletos de ilusão, e incita-a a afastar-se deles, salvo que seu uso seja inevitável [...] (*Fédon*, 83a).

Buscar a excelência só é possível por meio da alma, pois é a alma, como é apontado no *Fédon*, que se pode aproximar daquilo que é imutável (Casertano, 2014). Tal busca, exige do homem uma tentativa de se afastar das coisas consideradas pertencentes ao mundo sensível e aproximar-se ao máximo do sumo bem presente no mundo intelectual.

[...] nenhuma verdade há naquilo que vê graças a outros meios, variáveis em função da variedade dos objetos em que aparece, uma vez que todas as coisas desse tipo são visíveis e apreendidas pelos sentidos, ao passo que somente a própria alma vê aquilo que é invisível e aprendido pela inteligência. Ora, a alma do verdadeiro filósofo crê que não deve opor-se a essa libertação, [...] (*Fédon*, 83b).

Tratando-se da moral, a suposição de um local no Hades pode ser considerada como a grande virada moral iniciada por Sócrates. Inferir que no Hades provavelmente possui um lugar destinado aos bons, mas antes que eles o habitem é necessária uma vida empenhada no fazer o bem, ou como diz Hadot (2014), buscar um saber, que é o saber-viver, direciona o indivíduo a uma posição moral. Nessa posição moral, o homem deve por si mesmo através do seu conhecimento exercer uma escolha que direcionará suas atitudes, sendo que este saber deve sempre direcioná-lo ao bem.

Considerando que as decisões mais próximas do bem são provenientes da alma, a decisão ética partirá justamente por um processo de escolha, no qual, segundo Casertano (2014), o filósofo opte em escolher a alma. Desse ponto de vista, a ética socrática se constitui por uma escolha da alma, pois diferentemente do corpo que só consegue chegar às coisas sensíveis, a alma é a que mais se aproxima do bem e do belo, que em sua essência jamais são percebidos pelo corpo.

- E é nessa condição também que a alma do filósofo sumamente despreza o corpo, a ele se esquivava e se esforça para estar sozinha e isolada?
- É o que se evidencia.
- E quanto ao seguinte, Símiias? Pensas haver uma coisa que é o próprio justo, ou não?
- Por Zeus que pensamos que há.
- E quanto ao belo e o bem?
- Claro que sim.
- E algum dia viste quaisquer dessas coisas com teus olhos?
- De modo algum”, ele disse. (*Fédon*, 65c-d)

O processo moral e ético para Sócrates, como vimos, vem mediante uma escolha em que o filósofo deve se empenhar na busca pelas coisas apresentadas pela alma. Buscar essas coisas não é apresentado como sendo fácil, exigindo do filósofo um grande empenho. De fato a contemplação das coisas por si mesmas se dará na morte, levando o filósofo a exercitar-se, preparando-se para a morte.

3. PREPARAR-SE PARA MORRER TENDO COMO BASE O ATO DE FILOSOFAR

3. 1. O que vem a ser uma “bela morte”?

Na Grécia antiga, ter uma “bela morte” era de uma grande importância para os guerreiros. Afinal de contas, uma “bela e boa morte” para os gregos concederia à pessoa que pereceu ser lembrada de maneira gloriosa pelos seus descendentes e, também, pelo povo grego. Essa bela e boa morte na Grécia Arcaica, segundo Gazolla, era algo muito importante entre os heróis das grandes batalhas, nas quais uma morte em que o seu corpo era desfigurado ou preso por seus inimigos era vista como motivo de desonra, pois tais atos tiravam a possibilidade de um reconhecimento. Sócrates, posteriormente na filosofia, dará uma nova maneira de ver a bela e boa morte (GAZOLLA, 2011).

O fato de uma pessoa ser recordada pelo povo de maneira gloriosa fazia com que sua fama se espalhasse após a sua morte, dando desta maneira uma grande fama que se estenderia por gerações. O morrer belamente era algo que de certa maneira aproximava a pessoa do modo de viver da figura dos deuses, naquela sociedade:

[...] um final glorioso, que pudesse ser recordado por todos, torna uma pessoa famosa para outras gerações, o que é digno de desejar. Morrer belamente significou, afinal, aproximar-se do modo de vida dos deuses, seres que são sempre (*aei*) ou têm larga vida (*macróbios*). Inseridos numa espécie de “temporalidade atemporal” –*aiôn*– distante dos humanos, acabam os deuses por mostrar nossa vida cronológica e breve (GAZOLLA, 2011, p. 121).

Por intermédio da *aiôn*, os deuses que estão providos da imortalidade se distinguem dos humanos por meio da ausência do tempo em seu existir, diferentemente dos humanos que por sua finitude possuem o tempo como sua medida durante o período em que vive.

Desse ponto de vista, a fama se manifesta ao homem como um meio encontrado para que este se faça presente mesmo não mais estando, ou seja, estar presente mesmo depois de sua morte, podemos chegar a seguinte questão: o ato de

dedicar-se a grandes feitos é uma maneira encontrada para dar uma continuidade a sua vida, mesmo depois de sua morte, pois este será lembrado e eternizado na mente das gerações posteriores como uma figura de grande importância.

Ainda no período da Grécia Antiga, as homenagens aos mortos eram de grande significado, sendo atribuídas a estes as honrarias mediadas pelas orações fúnebres.

O homem deveria ser recordado por suas batalhas em prol da sua pátria, esse “cumprir que podemos exigir dele” (GAZOLLA, 2011, p. 127) em relação às atitudes, mas o grande diferencial aqui é que a batalha, levando em consideração o período da vida socrática, não se apresenta mais apenas como disputas físicas entre pessoas, mas disputas como “às batalhas verbais para decisões relativas a cidade” (GAZOLLA, 2011, p. 127). É exatamente a partir desse tipo de batalha que Sócrates começa a se encaixar, acomodando-se nesse perfil de cumprir ao máximo o dever de um cidadão grego (cf. GAZOLLA, 2011, p. 127). Sócrates, enquanto cumpridor destas exigências, começava a preparar-se para a morte.

3. 2. Liberdade como processo de decisão para uma “bela morte”⁵

A característica ética do ato filosófico dá-se por meio de uma escolha de vida. Tal escolha é decorrente de uma liberdade do filósofo. A maneira de como viver é traduzida como algo conciso para a discussão sobre o que é entendido por bela e boa morte, decorrente de uma bela e boa vida.

A partir de agora, passaremos à discussão a respeito do que se entende por bela e boa morte, tendo como referência a morte dos grandes heróis de guerra do período grego arcaico, assim como personalidades que se dedicaram a uma excelência da vida cívica, pondo e m relevância a figura do ancião. Comparando o perecimento do ancião com a “bela morte” de um valente guerreiro, ver-se àquele não ser dada importância como a morte desses. Rachel Gazolla ressalta o ancião não mais como aquele que no seu corpo só traz mazelas ocasionadas pela idade,

⁵Termo utilizado por Rachel Gazolla em seu livro caracterizando a bela maneira de morrer segundo as expectativas da Grécia Antiga: GAZOLLA, Rachel. Pensar mítico e filosófico: estudos sobre a Grécia antiga. São Paulo: Loyola, 2011.

mas sim como o que empenhou a sua vida buscando os elementos amigáveis, elementos que só são possíveis a quem os buscou, daí a importância atribuída aos anciãos, não sendo mais essa bela maneira de viver o dedicar-se a atividades bélicas, mas buscar atitudes amigáveis como bem pontua a autora:

[...] na velhice: afirma que há elementos na natureza humana que estão dirigidos para a amizade, pois precisamos uns dos outros, sentirmos piedade, trabalharmos juntos para o bem comum, termos gratidão e, sem embargo, também temos elementos hostis pelos quais criamos inimizades, inveja, ódio. O melhor é, portanto, buscar os elementos amigáveis e apartar-se dos hostis, o que só é possível mediante o conhecimento dessa natureza dupla. O homem amigável, o que poderá viver bem terá de exercitar-se nas coisas boas e más que tenha discernimento e esculpa um bom e belo caráter (*éthos*) pelo próprio esforço e para o gozo de si mesmo, de sua alma (GAZOLLA, 2011, p. 128-129).

Pondo em consideração a filosofia como um modo de vida, motivado por Sócrates, todos esses requisitos como a afirmação da amizade, piedade, trabalho em grupo, que são os elementos amigáveis, devem ser buscados à medida que se chegar ao conhecimento da nossa natureza dupla, pois são esses os requisitos que fazem parte dessa arte de bem viver proposto pela filosofia. O homem que durante toda a sua vida praticar todas estas virtudes será um homem bom, por consequência, este terá uma boa morte. Deste modo a filosofia apresenta-se como a “arte de viver” (GAZOLLA, 2011, p. 129).

O exercício para uma vida boa não é algo dado, mas como se ver na citação é uma investigação constante, empenhando-se em buscar elementos que sejam amigáveis. Para que seja uma busca bem feita é preciso que nos empenhemos a alcançar o conhecimento, pois esse se manifesta como a abertura que nos direciona aos atos amistosos. Essas ações é o que nos coloca de frente a uma vida cívica voltada para o bem, contudo deve-se atentar que o conhecimento a ser buscado não é um conhecimento qualquer, mas sim o conhecimento de si, onde possamos ser capazes de enxergar estas duas naturezas: tanto a amistosa quanto a não amigável. Justamente saber distinguir, conhecer e se dar conta dessas naturezas é o que nos ajudará a buscar a melhor ação dentre elas, ou seja, a amizade. Parte daí a busca por uma boa vida que acarretará a uma boa morte.

É indispensável nesse processo a liberdade, pois para que se possa escolher a direção a ser tomada, como buscar a amizade ou a inimizade, necessita-

se do processo de escolha. Quem escolhe perante uma situação apresentada precisa estar munido da liberdade, para que possa a partir desta exercer um processo de eleição, sem que haja impedimentos para o seu discernimento, pois se o cidadão encontra-se condicionado, esse, por sua vez, está impedido de escolher, porque está sempre preso a uma situação.

O núcleo central da filosofia apresentada no diálogo *Fédon* localiza-se no momento em que é colocada a questão da boa morte, isto porque essa é apresentada de uma forte maneira para o homem bom. Segundo o relato, para Sócrates o homem bom será aquele que busca em sua vida a “bondade em si” (cf. GAZOLLA, 2011, p. 128), ou seja, a excelência, pois não bastava apenas dedicar-se em fazer algo, mas o que for feito seja de maneira a se alcançar a excelência, ou seja, a *areté*.

3. 3. Sócrates e o preparar-se para morrer

Sócrates, embora estivesse próximo de sua morte, durante todo o período que esteve junto com os seus amigos, manteve-se feliz, pois como relata *Fédon*, Sócrates deixava aparentar em seu semblante uma serenidade enquanto se encaminhava para a região do Hades, e que por uma ajuda divina iria de encontro ao além, onde encontraria uma felicidade jamais vista por alguém.

Essa postura mantida por Sócrates faz com que os presentes, mais precisamente *Fédon*, tenham sobre si uma mistura inédita de sentimentos como prazer e dor:

No que diz respeito a mim, experimentei emoções estranha estando ali naquela ocasião. De fato não fui tomado pelo sentimento de pena, como naturalmente poderia acontecer presenciando a morte de um amigo, uma vez que o homem me parecia, Equécrates, estar feliz: nos seus modos e em seu discurso enfrentava a morte com destemor e nobreza, o que me levou a pensar que mesmo descendo ao Hades não o estava fazendo sem a aprovação dos deuses, e que se daria bem quando ali chegasse, se é que alguém alguma vez se deu bem [...]. Senti-me presa de uma emoção estranha, uma mistura inusitada de prazer e dor ante a idéia de que ele estava na iminência de morrer (*Fédon*, 58e-59a).

Um dos fatores que levam aos demais que ali se faziam presentes serem

tomados pela felicidade é o fato da convicção demonstrada por Sócrates sobre o bem que o esperava após a sua morte, bem esse que seria empregado por meio de uma contribuição divina.

Uma das principais razões que fazem florescer em Sócrates a felicidade é a força da *elpís* (cf. VELLA, 2014, p. 157), ou podemos também chamá-la de “esperança”, pois quem passou dedicando a sua vida ao exercício de filosofar, sabe que após a morte será o primeiro a estar ao lado dos deuses, sábios e bons, pois Sócrates acreditava que no Hades existia algo de bom para aqueles que foram bons durante a vida e algo mau para os que assim o foram.

Como antes já fora comentado, a vida de um filósofo consiste em preparar-se para uma “bela morte”. Sócrates, durante sua conversa com Símiias, enquanto esperava o dia de sua morte, não a lamentava, pois tinha consigo que por meio desta seria aberta para ele uma nova vida, na qual ele se encontraria diante dos deuses num lugar preparado para os homens justos. Sócrates morreria justamente na convicção de juntar-se aos homens justos:

[...] Mas tal como é, podeis vos assegurar de que minha expectativa a é de estar a caminho da companhia de homens bons, ainda que não me atenha a insistir nisso; Portanto, no que tange a isso, não só não me angustio, como também nutro grandes esperanças de que haja algo reservado aos mortos e, como é dito a muito tempo, algo melhor para os bons do que para os perversos (*Fédon*, 63 b).

Justamente a esperança de juntar-se aos justos após a morte faz-se necessário preparar-se para a morte mantendo uma vida justa na terra. Para Sócrates, quem melhor faz isso é o filósofo, pois o filósofo é quem soube ser bom durante essa vida e justamente esse será mais bem tratado na vida após a morte.

3. 4. A coerência da vida de Sócrates

Para entrar na questão da excelência, o *Fédon* apresenta uma introdução no que é proposto como o “ideal da vida filosófica”, de maneira completa e argumentada. Os últimos momentos da vida de Sócrates, juntamente com seus amigos, são um verdadeiro testemunho de como deve ser a vida filosófica. Sócrates

estava a viver o que praticou durante sua vida, mostrando deste modo uma verdadeira coerência diante de seu testemunho público, buscando como objetivo levar uma bela e boa vida.

Um dos grandes fatos de coerência passado por ensinamentos e atitudes de vida é dado antes de sua morte, que é o fato de não temê-la. Temer a morte para Sócrates, seria renegar todo o seu esforço e empenho de se preparar para a mesma, pois Sócrates tinha como convicção não temer a morte, porque através dela e, conseqüentemente, depois de levar uma vida justa, ele ficaria mais próximo aos deuses bons, além de se juntar aos demais homens justos em um lugar reservado unicamente para eles no Hades. Se isso não fosse possível, o alegrar-se e o preparar-se para morrer seria algo em vão (cf. GAZOLLA, 2011, p. 123).

No fim de sua existência, Sócrates orienta os seus amigos sobre o valor da vida, mostra como essa pode ser vivida de maneira coerente a partir do momento em que a conhecemos, “além de suas evidências que parecem ser reais” (VELLA, 2014, p. 156) e que voltam a aparecer quando submetidas a críticas do raciocínio.

3. 5. A tarefa de afastar a alma do corpo

No preparar-se para morrer, o homem não deve buscar em vida apenas alegrar-se e deleitar-se aos prazeres do corpo, mas aos da alma. Isso porque ao passo que alimentamos as necessidades e desejos do corpo, ficamos impedidos de nos aproximarmos da verdade que é o objeto que dá sentido à busca dos filósofos, pelo fato do corpo se colocar como barreira à alma faz-se preciso separar-se dele:

[...] ‘é provável que haja um caminho que nos leve, acompanhados de nossos argumentos em meio a nossa busca, a concluirmos que enquanto tivermos um corpo, e estiver a alma misturada a esse mal, jamais alcançaremos completamente o que desejamos, ou seja, a verdade. Pois o corpo nos mantém continuamente ocupados devido a sua necessidade de sustento; (*Fédon*, 66 a).

Não é próprio dos filósofos uma vida desregrada, dada aos vícios e prazeres que conduzem o homem a uma desordem de seus hábitos, afastando-o cada vez mais de seu fim último, a sabedoria, pois estes vícios são como muros construídos

ao homem impedindo-o de chegar até ela.

Ao se reportarem aos filósofos como sendo moribundos, o que queriam dizer os gregos?

A morte que os filósofos mereciam, não era uma morte física como assim falava a população grega, mas isso era algo colocado pelo fato dos filósofos serem muitas vezes tidos como desocupados, dessa maneira, eles, perante a sociedade daquela época, eram como se fossem pessoas quase mortas, principalmente nos atos daquela sociedade.

Em conversa a Símiias, Sócrates chega a expressar o seu empenho em separar a alma do corpo.

Pondo-se a observar a passagem em que Sócrates fala a Símiias, vemos que para os demais homens o viver de fato consistia em procurar e deleitar-se aos prazeres corporais e quem se demonstrasse contrário a estas atividades eram tidos como moribundos:

Ora, certamente, Símiias, a maioria das pessoas pensa que o homem que não extrai prazer dessas coisas e que delas não participa não merece viver, e que alguém em nada se preocupa com os prazeres do corpo está praticamente morto (*Fédon*, 65 a).

Sócrates tinha como objetivo a busca da verdade, pois o principal objetivo da alma é a busca da verdade, mas para isso é necessário que a alma tenha sido livre do corpo que a impede de se aproximar da verdade. Como já havia dito, é por meio do raciocínio que a alma chega à verdade, ou seja, contemplar a coisa em si, isso porque:

[...] realmente o que constatamos é que se pretendemos algum dia obter um conhecimento puro de qualquer coisa teremos que nos libertar do corpo e observar as coisas em si mesmas com a alma exclusivamente. (*Fédon*, 66 d-e).

Chegar de fato a conhecer a essência das coisas em vida é um grande obstáculo, pois o corpo é tido como um impedimento para se chegar a mesma, isso porque os sentidos, as necessidades e os vícios são perturbações ao mesmo e pelo fato da alma se encontrar unida ao corpo ela também será afetada por estas

perturbações, impedindo-a de se chegar à verdade.

O corpo por suas limitações é algo que vem nos apresentar constantes obstáculos para se chegar à verdade, “por isso a separação de alma e corpo torna-se algo imprevisível para filosofar.” (cf. VELLA, 2014, p. 155).

Os vícios ou paixões aos quais o corpo se prende são um impedimento ao discernimento. Para chegar perto desta verdade, se não houver de fato a separação de corpo e alma como tão dita no diálogo, é preciso que nos distanciemos ao máximo do corpo, buscando para este apenas o que for extremamente necessário e que isto seja feito de maneira que estejamos livres do corpo.

[...] De fato, na hipótese de impossibilidade do conhecimento puro enquanto estamos associados a um corpo, é necessário concluir uma de duas coisas: ou tal conhecimento não pode ser adquirido de modo algum, ou somente pode sê-lo quando estivermos mortos, que é quando a alma estará sozinha, separada do corpo, e não antes (*Fédon*, 66e- 67a).

Então até aqui vimos que um dos grandes problemas enfrentados por Sócrates é o fato de que a alma enquanto não se encontra livre do corpo, essa não pode chegar ao conhecimento da verdade.

3. 6. A importância da separação de corpo e alma

Dedicando-se à leitura do *Fédon*, deparamo-nos com uma questão decisiva: a separação entre a alma e o corpo. Levando em consideração a importância de separar a alma do corpo para a filosofia grega, o ato de filosofar é proposto como a experiência da morte em vida. A vida de quem se dedica à filosofia, em especial os amigos de Sócrates, é um preparo para a morte, um morrer filosófico.

O fato de que o ato de filosofar seja uma experiência de “quase morte” fica mais evidente no diálogo de Cebes com Sócrates quando o mesmo concorda com Sócrates na conversa, dizendo que o filósofo deve sempre estar pronto a morrer:

“ ‘Isso’, disse Cebes, ‘me parece admissível. Entretanto que dissesstes há pouco, Sócrates, ou seja, que filósofos devem estar prontos e desejosos a morrer, isso soa estranho se falamos com racionalidade ao dizer que um deus é o nosso guardião e que somos sua posse.’” (*Fédon*, 62c-d).

Toda essa fala é proveniente de um debate entre Sócrates e Cebes durante o tempo em que Sócrates aguardava a sua execução. Esse debate foi iniciado pelo fato de Cebes ter indagado a Sócrates se de passagem era justo por parte do filósofo tirar a sua própria vida quando esta estava guardada pelos deuses. Isso vem nos trazer à tona a ideia de que os filósofos são aqueles que em vida buscam se preparar para a morte, exercitando-se desde já em um morrer filosófico (cf. VELLA, p. 153).

O que seria esse morrer filosófico?

Platão escolhe tratar a morte no *Fédon* de uma maneira “literária” (VELLA, p. 154). O diálogo praticado por Sócrates possui a sua característica ética de filosofar que se baseia a partir de uma escolha de vida. Esse diálogo parte também de um interesse dos seus interlocutores que descubrem uma verdade que é independente deles. Verdade esta encontrada por meio da *maiêutica*, método adotado por Sócrates para dar à luz as ideias (que levassem o interlocutor ao logos) para se submeterem para que então desta os interlocutores pudessem chegar ao logos.

Essa escolha de vida como expressa Vella e Hadot, é proposta como o espírito autêntico da filosofia antiga (cf. VELLA, p. 154) sendo que nesse espírito autêntico o indivíduo transcende-se em algo que é superior a ele, o *logos* (cf. HADOT, p. 2004).

O diálogo decerto não é um saber absoluto, mas é um acordo que estabelece aos interlocutores chegarem a uma posição comum, superando seus pontos particulares chegando “a entrever uma determinada virtude, para depois escolhê-la” (VELLA, p. 154). O diálogo socrático tem como característica a sua perspectiva ética em que o ato de filosofar é um exercitar-se diariamente para “superar a si mesmo” (VELLA, p. 154), para evitar julgamentos superficiais sobre os acontecidos de bem e de mal na vida e no qual se deve escolher as virtudes que se apresentarem como certas e que estejam estabelecidas sobre raciocínios articulados (cf. VELLA, p. 154).

O grande símbolo da herança socrática consiste na “aceitação da morte como ato filosófico” (VELLA, p. 155). O que Platão nos apresenta é uma meditação com um olhar filosófico, principalmente, no que diz respeito ao preparar-se para

morrer: já que o corpo se apresenta como uma barreira para que possamos chegar ao conhecimento, devemos buscar evitar o máximo possível de nos contaminarmos por seus desejos. Leia-se o trecho em seguida:

Enquanto vivemos, penso que estaremos o mais próximo do conhecimento toda vez que evitarmos, na medida do possível, o intercâmbio e a parceria com o corpo, salvo o absolutamente indispensável, e não nos contaminarmos com a sua natureza peculiar, mas nos mantermos puros em relação a ele até que o próprio deus nos liberte (*Fédon*, 67a).

É apresentado como proposta no *Fédon* a iniciação dos amigos de Platão ao “tema da imortalidade da alma” (VELLA, p. 154), além de uma meditação ética da morte. Isso nos leva a uma temática da separação entre alma e corpo que conterà grande significado, pois quando a alma é separada do corpo, esta fica livre para então se aproximar mais da felicidade, alcançando desta maneira a verdadeira sabedoria, a qual os sentidos corpóreos impedem de ser alcançada.

3. 7. A alma pode morrer com o corpo

Por meio da explicação dos contrários, Sócrates busca explicar como é possível provar a existência para além do corpo mortal. Com efeito, em sua época eram encontradas muitas explicações do que se acontece depois da morte. Uma dessas explicações partia da crença popular que consistia justamente da seguinte maneira: assim que a pessoa perecia, a sua alma se encerrava também juntamente com o seu corpo, pois essa só tinha existência enquanto houvesse o corpo no qual ela habitava.

[...] As pessoas supõem que quando a alma abandona o corpo não existe mais em lugar algum e que no dia em que o indivíduo morre é destruída e dissolvida; que logo que deixa o corpo e se dissocia dele ela se dispersa como sopro ou fumaça, esvai-se e não é mais algo em lugar algum (*Fédon*, 70a).

O fato de a alma expirar junto com o corpo implicaria um grande problema ao proposto por Sócrates no diálogo, pois se realmente a alma encerra a sua trajetória junto com o corpo no momento em que morre, não haveria o porquê de

lutar por algo que era falso, no caso a ida da alma para o Hades, em especial, a um local preparado aos bons, e onde esses poderiam aproximar-se ao máximo do seu objetivo da vida que é a sabedoria.

3. 8. A imortalidade da alma e o papel da reminiscência

Para fundamentar o seu discurso, Sócrates se utiliza de um argumento que era tido por muitos em sua época. Esse argumento consiste no fato de que os vivos derivam dos mortos, pois quando morrem depois de certo tempo suas almas retornam em outros corpos.

A tentativa de fundamentar o seu argumento no qual ele buscava enfatizar a existência da alma mesmo depois da morte do corpo, e que junto com a alma conservar-se-ia também a inteligência, faz com que Sócrates se apoiasse em uma antiga explicação, a qual explicava que assim que a pessoa morria a sua alma iria para o mundo dos mortos (Hades) e de lá retornariam ao mundo dos vivos. Desta maneira a alma de uma pessoa que se encontra viva derivaria do Hades. Em sua nova vida, a alma carregaria junto consigo lembranças e conhecimentos da vida passada e logo após a sua morte, retornaria novamente ao mundo dos mortos. Sócrates com isso argumenta a sua explicação na qual os vivos provêm dos mortos.

[...] Segundo uma antiga explicação, da qual nos recordamos, elas partem daqui para lá e aqui retornam novamente, nascendo dos mortos. Ora, se isso é verdade, se os vivos nascem novamente dos mortos, nossas almas existiriam *lá*, não existiriam? Afinal não poderiam renascer se não existissem, o que seria prova suficiente de sua existência se realmente fosse apresentada a sua evidência de que os vivos nascem somente de uma fonte, a saber, dos mortos (*Fédon, 70c-d*).

Buscando explicar melhor essa argumentação, Sócrates se vale de dar exemplos de como o contrário de uma coisa leva à outra, isso para reforçar o que ele havia dito: que os vivos nascem dos mortos. Pelo argumento dos contrários ele demonstra que não há como se explicar uma coisa sem também incorrer na sua mente o contrário de tal coisa, pois uma lhe faz lembrar a outra

Com isso, o empenho de Sócrates é de explicar que o nascer ou o gerar de algo é justamente possível por causa dos seus contrários, sendo as coisas

“contrários de contrários” (Fédon, 71a). Desta maneira o contrário de viver seria morrer e o de morrer, viver (cf: Fédon 71c).

“Portanto, dessa maneira chegamos a conclusão de que os vivos são gerados a partir dos mortos, tal como estes a partir dos vivos; e visto ser assim, parece-me que dispomos de uma suficiente prova de que as almas dos mortos necessariamente existem em algum lugar, de onde retornam a vida.” (Fédon, 72a)

Na busca de firmar o fato de que as pessoas vivas são geradas a partir dos mortos, reforçando ainda mais o fato de que a alma é imortal, Platão recorre à idéia de reminiscência. Em seu diálogo, Platão chama de reminiscência um dos principais processos pelo qual ele fundamenta a imortalidade da alma.

[...] “se verdadeiro, Sócrates, como prazeres dizer amiúde, que nosso aprendizado não passa de reminiscência, teríamos um argumento complementar de que necessariamente aprendemos numa época passada o que agora lembramos. Ora, isso somente seria possível se nossa alma existisse em algum lugar antes de nascer assumindo essa forma humana. E também por força desse argumento, parece que a alma é imortal”. (Fédon, 72e-73a)

Com isso, o conhecimento, segundo a reminiscência, já está presente na pessoa, ou seja, ele é inato, ou até mesmo conhecimentos esquecidos e que por meio de algo os fazem ser recordados. Justamente o fato de nascer com esse conhecimento é o que permite o indivíduo recordar determinados conteúdos, conhecimentos ou situação que provem de uma vida passada. Esse recordar, característico da reminiscência, se mostra também possível por meio de determinados acontecimentos ou situação semelhantes, ou ainda, até mesmo o contrario que nos faz recordar do outro. Justamente nesse ideal de reminiscência Platão se apóia para provar a imortalidade da alma.

3. 9. A esperança no que se encontrará após a morte

Platão, no diálogo do *Fédon*, faz questão de ressaltar o empenho que Sócrates tem em chamar a atenção dos filósofos no que diz respeito ao exercício de preparar-se para morrer. Manifestar-se-á de maneira estranha o filósofo que passar

a sua vida se preparando para a morte venha a temê-la quando esta lhe chegar. Para quem se prepara para tal finalidade é de se esperar que o mesmo esteja pronto para quando esta se fizer presente. Isso é evidenciado no diálogo de Sócrates com Símiias:

“Portanto, como eu disse no início, seria ridículo que um homem que passasse a existência praticando para viver num estado o mais próximo possível da morte com ela se afligisse quando essa chegasse para ele. Não seria ridículo?” (*Fédon*, 67d-e).

Ao final desta pergunta, dirigida a Símiias por Sócrates, Símiias o responde de maneira a afirmar está pergunta, pois é observado por Símiias que não há de fato com o que se preocupar ou temer se houve na vida esse preparo para determinado fim.

Platão nos coloca perante uma questão que é apresentada por Sócrates no diálogo. Durante o tempo em que Sócrates passou na prisão com seus amigos e discípulos, ele lhes ensinou tudo o que acreditou e se dedicou no período de sua vida, ou seja, que após a sua morte ele estará mais próximo dos deuses em um lugar preparado aos homens, em especial aqui a figura dos filósofos que se dedicaram em suas vidas a preparar-se para a morte. Portanto quando assim chegar ao fim de suas vidas, adentrarão pelas portas do Hades, separando-se dos homens maus e sendo conduzidos a um local destinado aos justos que dedicaram a sua vida em busca da verdade.

Deve-se prestar a atenção no diálogo que, embora Sócrates falasse da ida ao Hades e tudo o que lá o esperava, ele não tem de fato a certeza plena, mas uma grande esperança é o que ele possui em relação a seu futuro depois da morte, é justamente esta esperança que é a sua grande motivação para enfrentar esse processo:

“Então”, Sócrates disse, “se isso for verdadeiro, meu amigo, tenho grande esperança que quando chegar ao lugar para onde estou indo, lá – se é que há algum lugar para isso – atingirei plenamente o que foi objeto principal do passado de minha vida, de sorte que a viagem que agora me é imposta é principiada repleta de esperança positiva (*Fédon*, 67 b-c).

A esperança a qual menciona Platão de poder esperar tal destino, que nos é apresentada no diálogo do *Fédon*, só faz sentido se o homem acreditar segundo a

mesma maneira que nos foi apresentada no texto, ou seja, sendo purificado, é justamente por esta purificação, que se dar por meio do exercício da filosofia, que ele se encontrará preparado para a morte, e, conseqüentemente, adentrar no local preparado pelos deuses aos homens justos. Mas, nem todos têm como esperança encontrar a sabedoria depois da morte. Há aqueles que, ao invés de se dedicarem a buscar a sabedoria, desejam ir ao Hades na esperança de reencontrar lá pessoas que deixaram a vida e que agora habitam o mundo subterrâneo, ou seja, o Hades:

[...] Por ocasião da morte de favoritos, esposas ou filhos, muitos homens quiseram ir para o Hades movido pela esperança de ali ver aqueles de quem sentiam falta, e estar em sua companhia. E ao morrer se angustiará, ao invés de se regozijar com a perspectiva de partir para o mundo dos mortos, aquele que está realmente enamorado do saber e crer firmemente que só pode encontrá-lo no mundo dos mortos? (*Fédon*, 68 a-b).

Aqueles que desejam a morte por conta de se encontrar com um ente querido no mundo dos mortos, este quando a morte chegar irá se afligir, isto porque ele se empenhou durante toda a sua vida em buscar as paixões do corpo, pois maior que a sabedoria para ele é poder satisfazer os desejos do corpo, ou seja, este homem foi apenas um amante do corpo. Com a aproximação da morte, já que ele não tinha como objetivo a busca da sabedoria, mas apenas satisfazer seus caprichos, por ocasião de espirar, começa a temer, mas por medo de perder tudo o que para ele era mais importante, isso porque a sua vida foi dedicada apenas a satisfação pelos prazeres:

“Então não será suficiente evidência”, disse Sócrates, “quando te achas diante de um homem perturbado com a eminência da morte, que não se trata de um amante da sabedoria, mas de um amante do corpo? E esse homem é igualmente um amante do dinheiro e um amante das honras, uma destas coisas ou ambas” (*Fédon*, 68 b- c).

Assim como existem homens que tem grande vontade pela morte por conta de encontrar entes queridos no mundo dos mortos, há também pessoas que durante a vida se dedicam em praticas virtuosas, mas não com interesse como o de Sócrates e o qual se devem empenhar os filósofos, dedicando-se para que depois da morte alcance o seu objetivo último, a sabedoria. Muitos homens se dedicam a praticas virtuosas, dedicando-se em evitar determinados prazeres em vista de prazeres maiores, isso é justamente o contrário do que Sócrates propõe a Símiias.

3. 10. O valor do que se encontra após a morte para Sócrates

Não há como Sócrates negar algo que tanto ele defendia e ao mesmo tempo tinha como valor: a morte. Sócrates passa uma vida se preparando para bem morrer e estar próximo aos deuses e aos homens justos em um local preparado no Hades apenas para esses.

Se Sócrates temer a morte, será em vão tudo aquilo que ele pregou durante a sua vida, ou seja, seria contradizer as suas próprias palavras, pois como temer algo em que se empenhou a sua vida inteira.

Sócrates havia dedicado a sua vida em praticar os exercícios de uma vida filosófica a fim de se preparar bem para a sua morte, pois segundo ele, “estaremos o mais próximo do conhecimento toda vez que evitarmos, na medida do possível, o intercâmbio e a parceria com o corpo, salvo o absolutamente indispensável (*Fédon*, 67a). Em outras palavras, buscando ao máximo distanciar-se das coisas que o afastavam da virtude de se chegar à sabedoria. O impedimento se dá, justamente, por meio do corpo preso às sensações que é uma das causas primeiras desse afastamento, sendo que o único meio de se chegar a essa sabedoria é separando o corpo da alma.

Diante disso, como temer algo que ele empenhou a sua vida para se chegar a essa sabedoria, ou seja, como temer a morte que é a porta a qual ele chegará à sabedoria? Isso seria algo muito contraditório e não haveria porque relutar contra algo já esperado e que o colocaria frente ao seu objetivo. A alma é inevitável nesse processo. Como já foi dito a alma tem que se separar do corpo para se chegar à sabedoria plena, para isso a alma não pode se acabar junto com o corpo, pois essa tem que ser imortal. Daí também parte uma esperança na imortalidade da alma, pois é por meio dela que será possível chegar ao Hades para lá ficar no local destinado aos bons.

4. COMPREENSÃO DO PREPARAR-SE PARA MORRER E DA MORTE DESÓCRATES

4. 1. A opção filosófica de “bela vida” e “bela morte”

No capítulo três já discutimos o que viria ser a “bela morte”. Mas o que podemos entender sobre a opção filosófica por uma “boa morte”?

[...]. Que é a bela morte para a Grécia dos poemas homéricos e hesiódicos? [...]. Para a grega arcaica em particular, um final glorioso, que pudesse ser recordado por todos, torna uma pessoa famosa para outras gerações, o que é digno de desejar. Morrer belamente significou, afinal, aproximar-se do modo de vida dos deuses, seres que são sempre [...] ou têm larga vida [...]. (GAZOLLA, 2011, p. 120-121)

A “bela morte” pode ser ligada à filosofia. A ligação da “bela morte” à filosofia dar-se-á diante da escolha feita, no caso do período grego antigo, pelos “elementos amigáveis” que levassem o homem a uma vida exemplar (GAZOLLA, 2011).

Críton, vendo que se aproximava o momento em que Sócrates deveria tomar a cicuta⁶, pede que Sócrates espere até o entardecer para tomá-la. Essa atitude, segundo ele, é porque muitos quando tinham que tomar o veneno, tomavam-no durante o entardecer, mas não como se isso fora lhes fazer alguma diferença, e sim porque isso os garantiria, não de aproveitar a vida, mas prolongar uma vida muitas vezes tomada pelo sofrimento.

“[...] os gregos amam, muito mais do a morte invocada a vida, apesar de todos os males que ela comporta.” (REALE, 2002, p. 271)

Sócrates percebe no fato de esperar o entardecer para tomar o veneno algo desnecessário, pois não havia necessidade de adiar por alguns instantes esse acontecimento que para ele se apresentava como uma certeza, ou seja, a morte.

“Mas, penso, Sócrates”, disse Críton, “que o sol se mantém sobre as montanhas e ainda não se pôs. Sei inclusive que outros tomaram o veneno muito tarde, depois da ordem ser dada a eles, tendo ainda comido e bebido e alguns deles gozado da companhia daqueles que amavam. Não te apresses, pois ainda dispomos de tempo” (*Fédon*, 116e).

⁶ Veneno tomado por Sócrates.

Se porventura Sócrates acolhesse tomar o veneno no fim do dia como todos os demais, ele não estaria satisfazendo sua vontade com mais algumas horas de vida, mas negando o valor ao qual ele prezava, a filosofia. Observemos o seguinte relato:

Ao comparecer diante do tribunal, não o faz por respeito, mas para melhor recusá-lo. Se fugisse, seria um inimigo de Atenas e tornaria a sentença verdadeira. Ficando, é ele quem ganha, quer o inocentem quer o condenem, pois, num caso, terá feito os juízes aceitarem sua filosofia e, no outro, a terá provado aceitando a sentença. (MERLEAU-PONTY, 1953, apud CHAUI, 1994, p. 158).

A citação acima faz referência a uma análise feita em relação a *Apologia*, fazendo menção a algumas possibilidades que podem nos ajudar a entender o *Fédon*. É-nos apresentado o seguinte: caso Sócrates optasse por fugir, faria ser dito verdade os fatos de que o acusaram, caso ele ficasse poderiam ou não aceitar a sua proposta filosófica; sendo não aceita, Sócrates a provaria com sua vida. Pois bem, acontece justamente a sua condenação. Sócrates não consegue convencer os juízes e por isso é dada a ele a sentença de morte.

Reportando agora essa perspectiva para o *Fédon*, em especial no momento em que Críton lhe pede para esperar o pôr do sol, indica por parte de Sócrates uma permanência em sua certeza, pois, caso contrário, se ele escolhesse por tomar o veneno ao entardecer, poderia significar que no seu último momento teve dúvida do valor ao qual ele defendia.

“Mas posso e devo rogar aos deuses que minha partida daqui seja venturosa.” [...]. Com essas palavras, ele ergueu a taça aos lábios e, com um ar misto de jovialidade e tranqüilidade, sorveu o seu conteúdo totalmente. (*Fédon*, 117b)

Assim como em toda a sua vida, Sócrates, nos seus últimos momentos, manteve-se com o semblante sereno, sinônimo daquilo que ele acreditou e defendeu, levando-o a uma “bela vida”, e agora por sua atitude final o levaria a ter uma “bela morte”. Pois como na Grécia Arcaica, uma morte gloriosa e venturosa era sinônima de “bela morte” para os guerreiros em batalha, já para Sócrates permanecer-se firme no seu ideal era de grande valor, dando-lhe assim uma “bela morte”.

4. 2. Atualidade filosófica da discussão sobre a “bela e boa morte”

Sócrates, como mostra o diálogo platônico do *Fédon*, considera o fato de temer a morte como a pior das ignorâncias. O que proporciona pensar com temor a morte dessa maneira, ou seja, como um não saber, é o fato de também não se saber o que realmente acontece no momento da morte. O que implica temer a morte, segundo Hadot (2011), é a condição de não saber se essa se apresenta como um bem ou mal à vida do homem, pois até então tudo sobre a morte é uma incógnita, fruto de uma esperança. (HADOT, 2011)

E, na verdade, talvez seja especialmente adequado a quem está indo para o outro mundo contar e examinar histórias acerca do que se acredita ser essa viagem para lá. O que mais se poderia fazer durante o tempo disponível que temos até o por do sol? (*Fédon*, 61 a)

Até para melhor compreender sobre essa posição articulada por Sócrates em relação à morte, tomemos aqui o pensamento que Epicuro⁷ traz sobre a mesma na *Carta sobre a felicidade*.

Não existe nada de terrível na vida para quem está perfeitamente convencido de que não há nada de terrível em deixar de viver. É tolo portanto quem diz temer a morte, não porque a chegada desta lhe trará sofrimento, mas porque aflige a própria espera: aquilo que não nos perturba enquanto presente não deveria afligir-nos enquanto está sendo esperado. Então, o mais terrível de todos os males, a morte, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos. (Epicuro, 2002, p. 27. 29)

Antes de continuarmos, devemos nos atentar que tal pensamento tomado por Epicuro na citação acima pode nos conduzir a uma crença de que a alma não é imortal, pois tudo se limita à morte e à vida, e com isso não haveria nada mais além do mundo físico. Diferente do pensamento proposto por Platão no diálogo do *Fédon*, ou seja, de que a alma é imortal, pois há uma esperança de continuação da alma após a morte do homem.

⁷ Epicuro é um filósofo nascido em 341 a. c., na ilha de Samos, localizada na Grécia. Ele possui como principal obra a chamada: *Carta sobre a felicidade* escrita ao seu amigo e discípulo Meneceu. O principal intuito desta carta escrita a Meneceu é demonstrá-lo acerca da conduta humana para alcançar a saúde do espírito.

Apeguemo-nos aqui a tentativa de demonstrar quão sem sentido é temer a morte para Sócrates e usemos dessa passagem de Epicuro para contribuir com o trecho posto por Sócrates visto anteriormente, que é o fato de não se temer a morte. Epicuro já chama a atenção que enquanto nos encontramos vivos a morte é para nós um futuro, mas à medida que essa nos chega não podemos mais dizer sobre ela.

Sócrates até o fim se mantém fiel a sua convicção, pois agora era chegado o momento em que sua alma em fim iria se separar do corpo que tanto foi colocado como um aprisionamento da alma, por isso a impedia de aproximar-se da verdade. Um dos atos que mais expressa à alegria e convicção por parte de Sócrates ao ver que a morte já era para ele uma realidade bem próxima, é quando ele percebe que a ação do veneno já estava tomando todo o seu corpo. Ao perceber isso, ele pede a Críton que não se esqueça do galo prometido ao deus Asclépio⁸.

Quando o frio alcançou seu ventre, ele descobriu o rosto, pois o tinha coberto – e estas foram suas derradeiras palavras –: “Críton, devemos um galo a Asclépio.” “Isso”, disse Críton, “será feito, mas vês se tens algo a dizer. Não houve, de sua parte, resposta a isso. (*Fédon*, 118a)

Essa sua última ação, como bem coloca Giovanni Reale (2002), é uma prova da sua convicção, pois, como agora era chegada a hora da sua morte, ele via cada vez mais próxima a cura da sua alma mediante a separação da mesma do seu corpo. Sócrates enquanto padece confirma sua posição, manifestando aos presentes a cura da sua alma. Embora tenha ele se apoiado na sua morte como tentativa de prova, isso só o permitiu provar que ele foi firme até o fim no que acreditou, e que o mesmo, durante toda a sua vida mediante ao exercício da filosofia, buscou a sabedoria.

⁸ Deus da medicina.

Considerações Finais

Uma “bela morte” ligada à esperança

Sócrates, perante sua condenação, manteve-se firme em suas ideias mesmo com a possibilidade de morte. Por meio da filosofia ele introduz na Grécia Antiga uma nova maneira de pensar e se comportar, em especial, o preparar-se para a morte. Preparar-se esse, que se dava por meio da filosofia. Todo esse preparo era para que aqueles que se dedicassem ao exercício da filosofia pudessem se afastar dos desejos, tais desejos eram manifestos por meio do corpo e se colocavam como barreiras à alma, impedindo que essa chegasse até a sabedoria. Essa nova maneira de pensar e viver é manifestada por uma postura ética, fundada sobre as escolhas que vêm por luz do ato filosófico, pois é este ato que faz durante a vida o filósofo exprimir os desejos de sua alma e, principalmente, que essa alma lhe permita ter no mundo sensível a experiência do bem e do belo.

Platão se expressa no Fédon sobre a morte de Sócrates, mas uma das características platônicas é de não ver a morte como fim.

A morte, no contexto platônico, é vista como uma experiência ética que leva o homem a contemplar o bem. A característica da vida filosófica é o almejar da sabedoria, para isso é necessário que antes haja um preparo. O cumprimento dessa vida filosófica passará pela morte. A morte a qual Platão se refere não é apenas a morte física, mas antes dessa deve haver um morrer filosófico. Esse conhecimento dos bens invisíveis se dá ainda durante a vida por meio de uma prática dialógica. A vida filosófica é considerada como uma morte metafórica, esta permite que o filósofo atinja a tais bens que só estariam presentes no Hades (VELLA, 2014).

O encontrar com o bem e o belo inicia-se na vida da cidade. Sócrates, buscou durante sua vida sempre contemplar o bem e o belo que se encontravam presentes na cidade e no corpo. Tal vida se manifesta como uma atitude moral.

A contemplação do bem e do belo por parte do Sócrates não se dá apenas depois da morte. Esse contemplar começa em vida por meio dos bens éticos que partem da busca do bem e do belo. Sócrates conseqüentemente não se preocuparia com a morte, pois ele já a vivera aqui, e como acabamos de ver, vivendo a

experiência da morte aqui, ele pode também aqui contemplar o belo e o bem à medida que lhe fora permitido conhecer.

A vida humana se encaminha em direção à morte, por isso há como pressuposto durante a vida buscar o bem da alma. A morte é tida como um possível cumprimento feliz da vida, isso equivale como ato filosófico. Com isso, esse cumprimento e ato passam por um pensamento da mesma forma os pensamentos são ligados aos atos (VELLA, 2014). E colocando a filosofia como esse preparo a morrer, Sócrates inaugura na Grécia Antiga essa nova maneira de pensar e viver, caracterizada pela “bela vida” em busca da sabedoria. Assim, a “bela morte” é a vida vivida para e com a sabedoria, sendo ainda a “bela morte” uma “vida para a vida”, pois durante a vida vivemos e nos preparamos para a vida no Hades.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Marco Heleno. **Pensar Jung**. 1. ed. São Paulo: Paulus: Loyola, 2012.
- BRISSON, Luc. A prova pela morte: um estudo sobre o Fédon de Platão. **Hypnos**: Revista do Centro de Estudos da Antiguidade, São Paulo, n. 9, p.9, Junho. 2002.
- CASERTANO, Giovanni. Discurso lógico e exigência ética no Fédon. **Hypnos**: Revista do Centro de Estudos da Antiguidade, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 1, Outubro. 2014.
- CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles, v. 1 ed. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- EPICURO. **Carta sobre a felicidade: (a Meneceu)**. Tradução: Álvaro Lorencini e Enzo Del Carraore. São Paulo. UNESP , 2002.
- GAZOLLA, Rachel. **Pensar mítico e filosófico**: estudos sobre a Grécia antiga. São Paulo: Loyola, 2011.
- FERNANDES, Iorlando Rodrigues; VELLA, Giovanni (Orient.). **Ascensão dialética no Banquete**: a importância de Eros e Logos no processo do conhecimento do belo. 1. ed. São Paulo: FAPCOM, 2014.
- HADOT, Pierre. **O que é filosofia antiga?**. Tradução de Dion Davi Macedo. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2011.
- MÉNARD, René. **Mitologia greco-romana**. Tradução de Aldo Dalla Nina. v. 2. São Paulo: Opus, 1991.
- PLATÃO. **Diálogos III – (Socráticos); Fedro (ou Do Belo); Eutífron (ou Da Religiosidade); Apologia de Sócrates; Criton (ou Do Dever); Fédon (ou Da Alma)**. Tradução de Edson Bini. 1. Ed. Bauru, SP: Edipro, 2008.
- REALE, Giovanni. **Corpo, alma e saúde**: o conceito de homem de Homero a Platão. Tradução de Marcelo Perino. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- SILVA, Bruna Moraes. **THYMÓS E PSYKHÉ NAS OBRAS HOMÉRICAS**. In: I Congresso Internacional de Religião Mito e Magia no Mundo Antigo & IX Fórum De Debates Em História Antiga, 2010, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos. Rio de Janeiro: UERJ, 2010. Disponível em: <<http://www.nea.uerj.br/Anais/coloquio/brunamoraes.pdf>>. Acesso em: 28 Out. 2015.
- VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Antropologia filosófica**. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- VELLA, Giovanni. Vida filosófica e morte metafórica no Fédon. **Hypnos**: Revista do Centro de Estudos da Antiguidade, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 1, Outubro. 2014.